

ORDEM E DOMINAÇÃO EM *MAMMA, SON TANTO FELICE*, DE LUIZ RUFFATO

Rodrigo da Silva Cerqueira*

RESUMO: Tendo como base a idéia de que, mesmo em momentos de extrema ruptura, a ideologia anterior permanece presente, numa espécie de revolução conservadora, como salienta Karl Marx no *18 Brumário de Luís Bonaparte*, procuramos analisar como em livro de Luiz Ruffato (*Mamma, son tanto felice*) a transferência do código paterno, baseado na violência, veste a máscara da revolta sem desgarrar-se do ideário conservador.

A árvore, submetida ao oxigênio viciado de estufa, não perece; produz sempre os mesmo frutos, cada vez mais pecos, sem polpa, amarelos.

(Raymundo Faoro)

Ao começar a dissertar sobre o *18 Brumário* de Luís Bonaparte, Karl Marx nos lembra que o passado, mesmo em momentos de total desejo de ruptura, permanece vivo, assombrando aos que tentam reformular o presente.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses momentos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tornando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada. (MARX, 1978, p. 17-18)

O passado, sob esta ótica, há de permanecer, mesmo em momentos extremos de quebra, transições de sistemas de governo ou ordem, necessidades de estabelecimento de novos regimes estamentais, numa espécie de desejo do novo atrelado a uma apaixonada e fiel valorização do velho. O continuísmo que Marx imagina estar presente, mesmo nos momentos de revolução, caracterizar-se-ia na permanência de um eterno conservadorismo atrelado aos caracteres de ruptura, como se a forma se transformasse, nem tanto o conteúdo. Distintas, mas não dissonantes ordens e regimes se intercalam

* Mestrando em Estudos Literários (PPGLetras- UFJF) – Bolsista CAPES.

através dos tempos, propondo novas fórmulas, meios ou escapes, tencionando sempre o novo, mas ainda banhados por velhos princípios, surpreendentemente ultrapassados e atuais.

A transferência de poder torna-se, nesse caso, cena fundamental para essa espécie de “renovação conservadora” aclarada por Marx. Num momento em que, o regulamento recorre à saída, deixando ocupar seu posto outra espécie de ideologia, esta se veste com seus trapos que, mesmo ultrapassados, encontram-se bem conservados e, em novo corpo, dão idéia de novidade.

Nesta transmissão de poder, requerida por vezes pelo senhor, outras vezes pela plebe, acaba-se evidenciando certo comodismo com a continuidade que, revela-se mais segura que a total quebra de parâmetros. A aparente igualdade entre pontos passado e futuro põe em cena a idéia de que a semelhança torna-se, propriamente, elemento fundamental para o continuísmo, um “tal e qual” que conserva o regimento como é, sem maiores sobressaltos.

A um filho parecido com o pai diz-se com orgulho: Tal pai, tal filho. Quanto maior a semelhança, maior a ênfase orgulhosa no *tal* que se repete. E o reconhecimento de algum gesto, de alguma característica paterna marcante, seja ela física ou intelectual, costuma ser o que de mais sublime se vê no filho. Dele se exige, quando nada, a duplicação de qualquer marca registrada da família. Dele se espera a semelhança, a continuidade, a repetição. Olha-se para o filho e espera-se que tenha sido talhado à imagem e semelhança do pai. Pouco importa se o que se repete não é grande coisa; pode se tratar tanto de um traço patológico como de algum talento especial, o orgulho é o mesmo. É a semelhança o que se aplaude ao dizer Tal pai, tal filho. O que importa é a garantia do reconhecimento de um no outro. (SUSSEKIND, 1984, p.21)

Tal pai, tal filho é o motor da reflexão inicial de *Tal Brasil, qual romance?* de Flora Sussekind. A semelhança importa pouco se relacionada a caracteres físicos, é a continuidade que se põe em primeiro plano. A manutenção de um regime seja ele econômico ou político, ou filosófico do pater-famílias, é que está, significativamente, ligado à base da expressão tal e qual. Tal pai, tal filho, se a semelhança necessariamente revela-se como continuidade de um regulamento.

Nos domínios rurais é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na Península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias. Esse núcleo bem característico, em tudo se comporta como seu modelo da antiguidade, em que a própria palavra ‘família’, derivada de *famulus*, se acha estritamente vinculada à idéia de

escravidão, e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os *liberi*. (HOLANDA, 1978, p. 49)

Tal pai, senhor de escravos e de família (subjugados a seu eterno dispor, como ressalta nas *Raízes do Brasil* Sérgio Buarque de Holanda), tal filho – se necessário é a manutenção de um ambiente, ou corrente de pensamento em que os tentáculos de uma só ordem possam alcançar inevitavelmente todos os componentes de seu vasto território humano. Tal pai, tal filho, se a ordem sente a necessidade de se propagar através dos tempos, dominando herdeiros e criados pelo duro e incontestável regimento do pater-famílias. Tal pai, tal filho.

O tempo como ciclo, a semelhança como forma

Paula Beiguelman diz-nos que a crise do sistema cafeeiro fez com que, no interior das outrora imponentes fazendas de café, o imigrante, braço forte para a colheita, passou a ser também produtor de pequenas lavouras enquanto o tempo de grandes safras não aportava. Esta nova configuração social e produtiva dá-se pelo fato das iniciais, e constantes, crises no setor vinculadas, principalmente, pela superprodução.

Nesse sentido, tendo em vista a constituição de uma reserva de mão-de-obra (e também para valorizar a terra, em vista da situação periclitante de produto), passa-se a aventar a hipótese do parcelamento e venda de terras na orlas da grande propriedade, ou seja: a transformação do imigrante em elemento simultaneamente proprietário e trabalhador agrícola, que forneceria o braço necessário, principalmente no período das colheitas, desobrigando o fazendeiro de sua manutenção durante o resto do tempo. (BEIGUELMAN, 1981, p. 54)

A mudança de posição no conjunto social do fator trabalhador leva a criação de certos ambientes dentro do centro de produção. As áreas de moradia dos imigrantes transformam-se em pequenos centros de ação produtiva dentro do grande organismo agrícola. Passos futuros a essa nova estratificação social residem no completo desmembramento dos grandes meios produtivos, para pequenas propriedades, de fato, independentes, comandadas por outrora trabalhadores braçais, hoje produtores. Senhores de seus territórios, os antigos trabalhadores dos cafezais tentarão organizar dentro de uma perspectiva familiar de agricultura a sobrevivência a um mundo abandonado à própria sorte de gastos solos e a desenfreada corrida pelo progresso tão

desorganizado ao elemento humano como próspero ao meio econômico. Criarão um mundo, à sua imagem e semelhança.

Num desses pequenos sítios, mundos, nasce a trajetória de uma família sintetizada na figura do pai, o “Micheletto velho”, personagem principal da primeira narrativa de *Inferno provisório*, saga literária do escritor mineiro Luiz Ruffato¹. Em *Uma fábula*, o “Micheletto velho”, sempre assim desenhado, larga a lavoura em declínio dos cafezais do Piau e vai, numa pequena propriedade, criar, à sua imagem e semelhança, um mundo. Um mundo coberto de sombras. Nas memórias de seus herdeiros, o homem, que resvalava os dias no chão árido do pequeno sítio, é senhor incontestado – nada além do “Micheletto velho”, no céu ou na terra. E só ele a julgar ou condená-los. O pai, o regulamento: a ordem, o que importa.

Diz-que, verde em verde, atocaiou os renegados numa pençozinha em Astolfo Dutra, mas o estrangeiro, saltando pela janela do quintal, fugiu a nado, atravessando o Rio Pomba e desaparecendo rumo ao Rio de Janeiro, enquanto a moça ele arrancou de dentro do quarto, arrastou pelos cabelos, enlaçou numa corda e saiu puxando, ele montado, ela, nem pio, a pé, olhos recurvos, até que na encruzilhada da cidade alcançou-o o delegado, dois soldados. O Pai, tirando o chapéu, Se mete não, seu doutor, é distúrbio meu, vale a pena não, e o homem, atemorizado, dirigindo-se à moça, questionou, Você é filha dele?, e ela, casmurra, balançou a cabeça positivamente, e o Micheletto velho, É uma chaga, doutor, É sina, e comandou o baio e os dois agregados, Vamos, minha gente. Na subida da Serra da Onça, apeou, meinho do dia, amarrrou o cabresto num pé-de-pau e levou a madalena amarrada para o alto do pasto, sol a pique, desatou o nó, Vai, desgraçada, vai embora, vai pra bem longe, anda!, berrou, empurrando-a por entre touceiras de capim-gordura, ela chorando Pai, ele, apontando a espingarda, Vai, desgraçada, estou mandando, ela, Pai, me perdoa, Pai, ele encostando o cano no seu rosto, Vai, desgraçada, estou mandando, ela, Pai, e pôs-se a correr, desesperada, quando então a explosão de um tiro suspendeu os barulhos da tarde e os dois empregados, assustados, viram o Pai retrocedendo calmo na direção do cavalo, pegando o enxadão, Façam uma cova bem funda, pros bichos não comerem, é carne minha, e botem uma cruzinha em cima, é carne minha, espero nas Três Vendas, e quando, lusco-fusco, lá aportaram, acharam bêbado o Micheletto velho, escorado na densa fumaça azulada do cigarro-de-palha. (RUFFATO, 2005, p.19-20)

Em tempo, há alguém de se revoltar. Quando um vendedor de tecidos chega à pequena propriedade nos arredores de Rodeiro, a “mais-velha” deixa-se levar e sobrepõe-se ao regimento patriarcal. Sobrepor-se em termos. O julgamento à “madalena” não é o repúdio à contestação da ordem paterna. Também, o é. O “cometa” (negociante da cidade, detentor de princípios distintos aos da propriedade rural) é o “progresso” invadindo o campo, a possibilidade de uma nova configuração social invadindo o lar estritamente patriarcal. A morte, portanto, antes de crime, é contenção à possibilidade de ruptura duma base que, mesmo gasta, quer-se plena.

No itinerário das histórias criadas por Luiz Ruffato vai-se de Rodeiro (mundo rural) a Cataguases (cidade). A chegada do “cometa” e a subsequente desarmonia que esta causa ao lar dos Micheletto é o primeiro passo da transição entre campo e cidade. Transição incompleta, com um quê de torta, escultura engenhosa a expor as próprias chagas.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje. (HOLANDA, 1978, p. 105)

A desarmonia social, calcada no mau planejamento urbano, evidenciada por Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), muito se relaciona com a transição entre um sistema social fundamentado na propriedade agrícola, a um conjunto de novos códigos sócio-econômicos ligados ao ambiente das cidades. Que a desarmonia será, paradoxalmente, a base desta transição entre campo e cidade parece óbvio. Importa, no entanto, em qual termo este desequilíbrio se afluirá em maiores proporções, em que base poder-se-á identificar a definidora transição entre campo e cidade; transição que, como se viu em Marx, carrega algo de continuidade.

A família, desde os remotos tempos patriarcais, é cimento de nossa sociedade. Das propriedades agrícolas sob as asas de um único homem (o “Micheletto velho” que tem o direito de assassinar a própria filha) aos lares distribuídos pelos diversos espaços da cidade, o componente familiar formula-se como um microcosmo das relações sociais.

É para re-encontrar a família que Carlos volta a Cataguases em *Aquário*, narrativa presente em *Mamma, son tanto Felice*. Municiado pela morte do pai, o filho retorna ao lar deixado após revolta contra a moral paterna para não só, encontrar parentes em momento de desconforto, mas, para tentar cicatrizar as chagas do passado.

Uma noite, cheguei da rua, guardei a bicicleta na varanda e entrei pé-ante-pé e me deitei. Todos risonavam, menos meu pai, zanzando pelos becos da cidade. Tinha passado por uma madorna, quando acordei esbaforido com os urros. Pulei da cama, murmurei, entredentes, ‘Pra mim chega!’ Abri a porta do cômodo deles, arranquei meu pai de cima da minha mãe, encarei seus olhos esbugalhados e disse: ‘Bate em mim, seu filho-da-puta!’. Minha mãe gritou, ‘Não pelo amor de deus, Carlinho, você mata seu pai de desgosto’. Continuei: ‘Vem, seu desgraçado, bate em mim!’. Meu pai falou: ‘Seu merda!, nem saiu dos cueiros, vai ver o que é bom pra tosse’. E avançou com o corrião na mão. Quando estava ao meu alcance, desfechei um murro, que acertou em cheio sua testa. Ele caiu, estrebuchando, fingindo que estava tendo um troço. ‘Ai, Nica, que esse

menino me mata! Ai, Nica, meu coração! Ai, que eu morro!'. Minha mãe agachou-se, desesperada, tomou-o nos braços, falou, 'Viu o que você fez? Ai meu deus!, chama a assistência!, pelo amor de deus!, chama a assistência!'.
Peguei uma sacola de papelão, escolhi algumas mudas de roupa, enfiei uns trocados no bolso e fui para o trevo de Leopoldina pedir carona para São Paulo.) (RUFFATO, 2005, p.51)

A lembrança da primeira e, até então, derradeira viagem de fuga do lar paterno vem num esquema causa-consequência. Revoltado com as investidas violentas do pai à mãe, Carlos reage com o mesmo código que tanto o repudiara. Para esquecer o incômodo passado e tentar reviver uma união familiar que, paradoxalmente, jamais existiu, o filho planeja juntar-se à mãe num trajeto redentor: o trecho que une Cataguases, no interior mineiro, a Guarapari, no litoral do Espírito Santo, substitui o paraíso.

- Nome? Que nome, mãe? Finetto? Silva? Desde quando temos nome, mãe?
- Os Finetto são pessoas de bem...
- De bem? A cidade inteira sabia que uma Finetto apanhava de um Silva...
- Carlinho!
- É mentira? Os vizinhos sabiam, a família da senhora sabia, a família dele sabia... Todos sabiam... (RUFFATO, 2005, p. 66)

O indagar puro e simples sobre fatos do passado, com o tempo, dá lugar a acusações que transformam a figura da mãe no rosto do pai recém-falecido. A morte, não porque recente, ainda não se sente plena, talvez pelo fato de que no Brasil, “a morte mata, mas os mortos não morrem” como lembra Roberto DaMatta².

Fato é que, Carlos, a quem pesa na trajetória a revolta e conseqüente abandono da família, não agride apenas a mãe, mas o pai, os irmãos e a si próprio. Agressão alavancada pelas mesmas armas com que o pai inicialmente desfigurara aos olhos do menino todo e qualquer sentido da família. Os mortos não morrem, sequer são esquecidos, antes permanecem a assombrar e influenciar o momento presente. Ao passo em que recorre à violência verbal para questionar à mãe o passado de todos, Carlos se equipara ao pai e faz da própria revolta confirmação aos ensinamentos paternos.

As roupas da velha ordem parecem gastas, mas, em corpo jovem, ganham ar puro e falso de novidade. Tal pai, tal filho, mesmo que em níveis perceptivos a violência do “Micheletto velho” para manter a ordem patriarcal seja mais impressionante que os questionamentos acusatórios de Carlos à mãe. Tal pai, tal filho, se o que interessa é a manutenção do ciclo, a propriedade da semelhança. Tal pai, tal filho.

Notas

¹ A saga literária de Luiz Ruffato divide-se em cinco volumes sendo quatro já publicados: *Mamma, son tanto Felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005), *Vista parcial da noite* (2007) e *O livro das impossibilidades* (2008).

² DaMatta, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005 (p. 158)

Referências

BEIGUELMAN, Paula. *A crise do escravismo e a grande imigração*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DAMATTA, Roberto. . *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.